



# TRINITY Livre

29  
JUNHO  
1957

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

Director: MADLO BARROSA DE MACEDO      Director: ANTONHO JOSE DA COSTA      Director: JOAO BARROSA DE MACEDO  
Propriedade: IRMÃOS BARROSA DE MACEDO      Composição, Impressão e Realização: LARGO DE OLIVEIRA SAKAZAR TEL. 23155 - AMARES

## Vamos ter o Patronato de Santa Filomena?

De há muito que uma Senhora desta terra mantém o louvável propósito de criar um Patronato que teria o nome de Santa Filomena e serviria para alimentar e educar as criancinhas e albergar os velhinhos. Essa Senhora propunha-se auxiliar a criação daquela instituição com a doação dos seus bens. A obra, a mais sublime e humana, não podia deixar de merecer os aplau-

sos de todos, mas precisava de quem se decidisse, até porque a sua montagem e sustento obrigam a dispêndios grandes, só possíveis com a ajuda de todos os que conhecem o valor da caridade quando ministrada aos que brotam para a vida ou aos que depois de tanto trabalho têm de estender a mão ao semelhante. Veio passar entre nós, durante as festas a San-

(Continua na 3.ª página)

## O CASO DE AMARES

Ac ser perguntado a uma pessoa que lhe parecia o caso de Amares, essa pessoa definiu-o assim:

«O caso de Amares é a definição pura de quanto prejuizo pode causar a um concelho a vontade de mandar de um, apoiado em brios de outro, ambos esquecidos da seriedade e escrupulo dos cargos.

E' um homem contra todos os homens, um lugar politico contra todos os lugares politicos do concelho.

São 15 anos sem nada fazer dentro dum regime de realizações, com perdas de subsídios, regalias, obras oferecidas e não aceites que ultrapassa os mil contos.

São violências, injustiças, vinganças e perseguições aos homens e às terras que não agradam, tornando quase impossível o progresso destas.

E' um concelho ao abandono com as estradas municipais desfeitas, a electrificação como há 20 anos, só por se não fazer uma notificação no prazo, as repartições sem instalações decentes, etc.

E' um concelho que se não escuta não obstante todo ele clamar desde os mais representativos aos mais simples.

E' a triste demonstração de quanta insensibilidade a politica é capaz ou de quão desolador e imoral é o panorama distrital».

Tal e qual — diremos nós — e só não dizemos mais porque ainda confiamos nos poderes centrais e pelo respeito que nos merece o Mestre.

## LEVANTEM-SE OS QUE SE SENTEM COM MORAL para dizer mal das nossas Festas

Este ano, especialmente, algumas pessoas já muito conhecidas pelas suas antipatias para com esta terra de esforçado bairrismo, andaram a aproveitar-se de dificuldades passageiras para tentarem prejudicar o êxito das Festas, ora falando de dificuldades inexistentes, ora acoimando-as de imorais, ora propagando que as mesmas já se não faziam.

São cegos de inteligência e de são princípios os que

assim disseram e assim pensam.

Cegos de inteligência porque não sabem medir o nosso bairrismo e concluir dele que as Festas tinham de se fazer fossem quais fossem as barreiras a transpôr, as dificuldades a vencer, os homens a fazer dobrar a cerviz.

Cegos de são princípios porque teimam em desconhecer os esforços que se

(Continua na 4.ª página)

## MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

Em Rendufe não se verificou menor descalabro: E o que é mais grave e de molde a provocar até certos melindres e embaraços a quem se propõe trazer a lume a história nefanda de tantos atentados sacrílegos, é o deparar-se também por aqui com alguns miseráveis jacobinos que, encontrando a maré propicia para governarem-se à custa fôsse do que fôsse, não hesitaram em cometer as maiores profanações, obrigando nesta parte a ter de desmentir o que já está impresso no papel e agora vá, não sofrem tantos inocentes injustamente mesmo que fosse por meia dúzia de indesejáveis e malvados traficantes.

Conta-me certo proprietário, digno de todo o crédito, e ao qual os anos permitiram vir observando todo este «limpar de feira», que, sendo ele tesoureiro da junta de freguesia, a quem no alvorecer do novo regime estiveram confiados os bens do culto, que não aos respectivos párocos, foi um dia procurado por certo «freguês» que lhe pediu por empréstimo um quadro existente no côro do mosteiro, o qual, por constar ser obra de arte e valiosa, dizia o interessado, havia alguém com muito empenho em copiá-lo.

Mesmo sem desconfiar do estragem, respondeu-lhe terminantemente que nunca disporia do que não era seu e o caso ficou por ali.

Passou-se tempo, até que um dia reparou que o quadro, sem saber porque artes, tinha sido tirado do seu lugar.

O tal «sujeito» também já tinha desaparecido, vitiado por uma doença de peito fulminante.

Veio a saber mais tarde que, aproveitando-se da circunstância de ser a mulher dele zeladora de um dos altares, deitou uma escada ao côro, despregou e enrolou a tela e deixou ficar a moldura.

Passou a encomenda para Braga, às mãos de um negociante de antiguidades, muito rico, que havia num primeiro andar, e que também já morre uhá muito.

Valeu-lhe a proesa uma grossa corrente de ouro com berloques que o dito relator deste facto ainda chegou a ver-lhe ao peito; e comenta:

— Dizem que não há excomunhão? E solta uma característica gárgalhada de aprovação, acrescentando:

Peguei-lhe ao caixão; ia levezinho como as palhas!...

(Continua na 6.ª página)

## ALERTA, BOURENSES!

O meu primeiro artigo, também epigrafado,—Alerta, Bourenses,—causou surpresa e indignação. Surpresa, porque ninguém suspeitava que, quando todos os centros populacionais, mesmo os de menor importância, se interessam pelo progresso das suas terras, houvesse, em Bouro, quem pretendesse tolher esse progresso; e não só tolhê-lo, mas ainda enxovalhá-lo.

Indignação, porque é realmente revoltante que hoje quem, em vez de procurar concorrer para o aformoseamento da sua terra, pense em mais a afeiar, em mais a deprimir e amesquinhar.

Tal tentativa, tão desastrosa aspiração, é reveladora de insensatez, de afronta aos interesses da freguesia; e patenteia desconhecimento da época, que vamos atravessando, de progresso, de renovação e aperfeiçoamento. Ci-

dades, vilas, aldeias, vêm passando por grandes transformações, tendo sido alimentadas por novas construções e alar-

(Continua na 4.ª página)

## Aos Ex.mos Assinantes

Terminou o primeiro semestre deste ano.

Aqueles que ainda não liquidaram a sua assinatura referente a este semestre, pedimos o obséquio de o fazer o mais depressa possível, enviando-nos a respectiva importância mesmo em vale ou selos de correio.

Porém, aqueles que ainda não liquidaram o segundo semestre do ano findo, somos a informá-los que se não o satisfizerem até ao próximo dia 15 do mês de Julho, vemo-nos forçados, bem contra a nossa vontade, a enviar-lhes o recibo à cobrança acrescido das despesas do correio. Aos mais atrasados, finda aquela data, suspenderemos o nosso jornal.

A Administração

## Viagem Presidencial ao Brasil

IV

### Ligeiros Aspectos da Colonização Brasileira

(Continuação do número anterior)

Depois de ter pretendido arrebatado ao espanhol Hojeda e a Colombo os loiros que lhe pertenciam, pretendeu ainda usurpar a Cabral a glória de ter descoberto o Brasil e tentou usufruir ingloriamente os feitos de Gonçalo Coelho e Cristovão Jaques nas expedições de 1501 a 1503.

Por um mero capricho da fortuna, foi dado o nome deste obscuro florentino, ao Novo Mundo que portugueses e espanhóis descobriram, sem propriedade alguma, sem mé-

ritos de qualquer espécie, trocando-se a verdadeira glória pela fantasia, pela fatuidade literária de um narrador pouco escrupuloso.

Se atendermos aos feitos de Cabral e de Corte Real, respectivamente, descobridores da parte austral e setentrional do grande Continente, com muito mais acerto se lhe poderia ter chamado Portugália, ou então Colombia como já se tem sugerido, em honra daquele que lhe descobriu as primeiras terras.

Numa das suas cartas, conhecida pelo nome erudito de «Lettera», conta-nos a macabra

cena da morte de um branco da sua expedição, por mulheres aborígenes, que espanta por falta de naturalidade: saiu um mancebo para terra, por ordem do chefe da expedição, os homens selvagens nada lhe fazem mas vão chamar suas mulheres, que se aproximam, cercam-o apalparam-o e contemplam-o com espanto; logo depois surge uma dessas mulheres com um grande pau, com o qual abate a vítima; é levada, são-lhe decepados os membros e começam a assá-la numa fogueira e a comê-la; tudo à vista dos nossos naveg-

(Continua na 2.ª página)

# Viagem Presidencial ao Brasil

(Continuação da 1.ª página)

gadores, e do capitão, que impediu os seus homens de vingarem-se.

Parece-nos que isto caberá mais na fantasia de Américo Vespúcio do que no brio Lusitano! Conta ainda noutra lugar que um dos cabinais do Brasil se gabara de ter comido já 300 dos seus inimigos! A sua fantasia fê-lo até descrever a selva brasileira habitada por leões!

Foi com estas e com outras imaginosas descobertas macabras que conseguiu impressionar alguns artificiosos literatos que o celebrizaram.

Aquêle paraíso descrito por Caminha, habitado por almas simples que rezam perante a Cruz, é aqui descrito em cenas que nos ferem a sensibilidade e nem sequer podem ser aproveitáveis para contos infantis, por desumanas.

Sabemos que pelo menos um dos desgredados que tinha ficado em Porto Seguro, voltou a Portugal; e se dermos crédito às palavras de Vespúcio, admira-nos muito ter resistido durante tanto tempo à gula dos selvagens, para que regressasse sã e salvo!

Mas não devemos procurar a verdade, nem no optimismo de Caminha, nem na exagerada fantasia de Vespúcio, porque os primitivos habitantes do Brasil, está provado que tinham hábitos antrópofagos e devoraram muitos portugueses, alguns deles de alta nobreza.

O que impressiona é a oca vaidade, esta cizânia da mentira artificiosa que, como outrora, germina em nossos dias e tanto tem cindindo a amizade luso-brasileira, perturbadora da unidade histórica e que muito prejudica os frutos que se esperam da Comunidade. Insiste-se em preterir a verdade e favorecer a mentira!

Já que se não podem negar os insofismáveis feitos dos colonizadores a partir de 1530, com as louváveis medidas promovidas por D. João III, que deram lugar à unidade do Brasil, menos presa-se o valor dos portugueses nas explorações que decorreram até esta altura, fa-

zendo-se comparações injustas com a acção colonizadora dos espanhóis, em cavilosas acusações.

Esquece-se que, embora a epopeia da Índia nos absorvesse muita da nossa actividade, mesmo assim, não desamparámos o caminho que nos ficou aberto no Brasil; os factos já verificados durante as primeiras décadas demonstram e confirmam o nosso espírito colonizador; que assim não fosse, teríamos o extraordinário feito da unidade operada num grande continente, que foi alicerçada e cresceu com o desenrolar do tempo.

Mesmo nos escassos 20 anos que decorreram desde a Descoberta até à sucessão de D. João III, que foi sem dúvida o grande impulsionador da colonização brasileira e a quem o Brasil deve muito—deve a consolidação da sua unidade— a acção dos portugueses pode já nessa altura considerar-se notável, se bem que se atribua a D. Manuel manifesto desinteresse pelo caso do Brasil, o que não é bem exacto. Que não lhe dedicara o carinho que punha nos assuntos da Índia, era um facto que estava dentro de toda a naturalidade, devido ao espírito da época, devido àquella obsessão que se vinha acumulando desde a fundação da Escola de Sagres, mas daí a arguir-se D. Manuel de abandonar o Brasil à sua sorte, vai uma distância enorme.

Com efeito, sabe-se hoje, — depois de porfiadas investigações, muitas delas feitas em cartas e documentos que foram enviados para o estrangeiro pelos vários agentes de espionagem ao serviço dos mais poderosos marcadores europeus da época, — que desde o início da descoberta foi notável a actividade desenvolvida na exploração das terras de Vera Cruz.

E vejamos: Feito o reconhecimento de que nos fala Duarte Pacheco Pereira, no Ceraldo, a que já nos referimos (1498), foi enviada a esquadra de Cabral tomar posse das terras austrais e, logo de regresso, a dar a notícia do descobrimento, Gaspar de Lemos foi contornando a costa até ao Cabo de S. Roque para avaliar a grandeza do território e

levar dados mais seguros a sua Magestade, referindo-se alguns autores a incursões feitas no território. Logo a seguir, João da Nova (1501), com a terceira armada da Índia, dirige-se também para a costa brasileira e explora-a até ao cabo de S. Agostinho, vindo a descobrir, nesta viagem, ao regressar, a ilha da Assunção. No mesmo ano (1501) parte a armada em que viajou Vespúcio, comandada por Gonçalo Coelho. Fernão Loronha (ou Noronha) em 1501/1502 explora grande extensão da costa—mais de 2.500 milhas(?)—descobrendo as ilhas de seu nome e chegou a Lisboa com um carregamento de pau brasil e canafístula e animais de vária espécie, atribuindo-se a esta expedição o regresso de um dos homens que haviam ficado degredados em Porto Seguro e que veio já conhecedor da língua dos "tupiniquins," com preciosas informações. Vespúcio volta em 1503, provavelmente com Cristóvão Jacques. Ainda neste ano Afonso de Albuquerque, com a quarta esquadra da Índia, demanda terras brasileiras. A armada de Tristão da Cunha destinada à Índia, sabe-se que dobrou também o cabo de S. Agostinho. A estas seguiram-se outras, no mesmo ritmo, e assim se ia percorrendo a costa. Além das frotas particulares, de armadores que tinham comércio autorizado com o Brasil, todas ou quase todas as armadas que se dirigiam à Índia faziam explorações em Santa Cruz, e, desta forma, sucediam-se os reconhecimentos com impressionante rapidez, com muito mais incremento do que os feitos na costa africana.

Pelos documentos geográficos dos primeiros anos, de entre os quais citamos o Esmeraldo e os de Cantino, Canerio e Pilestrina, confirma-se que a costa brasileira foi rapidamente explorada desde a Angra de S. Roque ao Rio de Cananea, em meia dúzia de anos.

Já a partir dos primeiros dois anos fazia a Coroa Portuguesa contratos comerciais de arrendamento, de entre os quais citamos o de Fernão Loronha, tendo por condições principais a descoberta de 300 léguas anuais e construção de fortins.

Vê-se do regimento da nau Bretão, um dos raros documentos do género, ainda existente, que era proibido maltratar os indígenas e com eles negociar armas, podendo no entanto fazer-se o comércio de facas e tesouras; também se vedava ao capitão trazer naturais. Os carregamentos eram feitos de pau brasil, canafístula e animais de vária espécie (macacos, gatos, papagaios, etc.)

O regimento a que nos referimos é já do início da segunda década, da qual há a assinalar a descoberta do cabo de Santa Maria e estuário do mesmo nome, mais tarde Rio da Prata.

Três nomes apontam os historiadores a assinalar este

importante facto histórico. Raramente se referem a Vespúcio, mas é candidatado por Schüller, baseando-se apenas na afirmação de que, segundo a narrativa da sua terceira carta, percorreu 750 léguas do litoral e que por isso abrangeria esta parte do Brasil, mas, no entanto, Américo Vespúcio em parte alguma se refere ao Cabo e ao Estuário, que pela sua importância e grandeza impressionaram quantos se lhe aproximavam. É facto mais do que suficiente para o pôr de parte, tanto mais que as suas cartas são cheias de erros e até consideradas apócrifas.

Sabe-se depois, de fonte segura, que na altura em que o português João Dias de Solis, ao serviço de Castela, percorreu a costa do Brasil até ao Rio da Prata, onde com alguns dos seus companheiros foi morto pelos "guaranys" (Fevereiro de 1516), já um outro português ao serviço de Portugal, o experimentado piloto João de Lisboa, havia feito a descoberta (1514) desta importante parte do Brasil, nas naus de D. Nuno Manuel. E antes da expedição do espanhol Sebastião Cabot (1517), que subiu o rio Paraná e foi muito além da confluência do rio Paraguai, também já em 1516 Cristóvão Jacques havia explorado aquelas paragens, seguindo ali mesmo teve conhecimento o próprio Cabot. Feitos estes esclarecimentos, virá a propósito dizer-se que todas as objecções postas à prioridade da descoberta do Brasil por Cabral, a respeito das expedições dos espanhóis Hojeda (1499), Pinzone e Lape (1500), se encontram provados os factos de que o primeiro não chegou sequer à foz do rio Orinoco, o segundo não ultrapassou o cabo de Orange para que tivesse chegado ao Amazonas, o terceiro só chegou a este Rio alguns anos depois de os portugueses terem chegado a Vera Cruz; a expedição de Solis e Pinzon, do ano de 1508, foi parar às imediações da ilha de Cuba e seguiu apenas até à Boca do Dragão.

No período histórico que temos estado a descrever, a

denominação de Vera Cruz, depois corrigida por D. Manuel para Santa Cruz, veio a fixar-se em Brasil, simplesmente, derivada do pau brasil que tingia da cor de brasas incandescentes e que era o objecto principal do seu comércio. Da mesma forma, o rio de Santa Maria veio a denominar-se Estuário do Prata quando Diogo Garcia, um dos companheiros sobreviventes da expedição de Solis, trouxe ao soberano espanhol a primeira prata adquirida aos "guaranys." Até ali também era conhecido pelo rio de Solis, não em atenção à descoberta, que não fez, mas por ali ter sido morto este navegador, que, como já frisamos era português, mas refugiado em Espanha para se frustrar à acção da justiça portuguesa. Contudo, o Cabo de Santa Maria manteve até hoje o mesmo nome. Os rios que formam o estuário eram conhecidos pelos naturais com o nome de Paraná e Uruai, respectivamente, o principal e o afluente.

Desde o descobrimento do Brasil até à morte de D. Manuel (1521), a par do reconhecimento geográfico intensivo, foram-se instalando feitorias e fortins ao longo da costa, em Pernambuco, Baía, Porto Seguro, Cabo Frio, etc., e o comércio foi-se praticando regularmente, a pesar de incomparavelmente muito mais pobre do que o da Índia, cuja riqueza estimulava os interesses dos mercadores e da Coroa Portuguesa.

Já em 1514, com a chegada de João de Lisboa ao Prata, passando pelo Rio de Janeiro, se havia praticamente devassado todo o litoral brasileiro.

Vê-se por este ligeiro esboço que, na realidade, não podemos acusar de negligente a acção colonizadora durante o reinado de D. Manuel, em que se foi preparando muito do que haveria de ajudar a consolidar a posição portuguesa no Brasil.

\* \* \*  
EME

Continua este mesmo capítulo, no próximo número.

## "David,, Cabeleireiro



Minha Senhora:

Este é o moderno  
salão que deve  
preferir.

Av. Marechal Gomes da Costa

N.º 754-2.º (com elevador)

**BRAGA**

## Pensão do Eirado

DE **José Maria Antunes**

Quartos para vários preços, instalações modernas e quarto de banho, etc.



Telefone 65132

Termas de Caldeias

# TRIBUNA do CONCELHO

## O concerto das Bandas de Vila Verde e da P. S. P. nas Festas a Santo António

Por absoluta falta de espaço não foi possível, no último número, fazer qualquer referência ao concerto que as afamadas Bandas de Vila Verde e da P. S. P. do Porto vieram fazer nas Festas de Santo António.

Julgamos transmitir o parecer de todos ao dizer que o concurso das duas Bandas foi uma das causas de excepcional concorrência que as Festas tiveram.

Ambos os agrupamentos dei-

xaram, entre nós, a mais lisonjeira das impressões o que, certo, não é de estranhar dada a sua reconhecida categoria.

A Banda de Vila Verde, que pela primeira vez veio às nossas Festas, deixou aqui bem vincado o seu valor já reconhecido por todo o norte.

Na verdade os Vilaverdenses têm razão do orgulho que sentem e a nós dá-nos muito prazer enviar-lhes, daqui, as nossas saudações.

## Colhida por uma camionete de passageiros

Deu entrada na enfermaria N.º 4 do Hospital de S. Marcos, no passado dia 19 do corrente, para onde foi conduzida pelo pronto-socorro dos Bombeiros Voluntários, da cidade de Braga, Alice de Jesus da Silva, de 27 anos, casada, da freguesia de Águas Santas, do concelho da Póvoa de Lanhoso, porque ao passar no lugar da Ponte do Porto, foi colhida por uma camioneta de passageiros da Viação-Auto-Motora, sofrendo possível fractura de uma perna.

## QUEIXA

Contra Filomena Maria Machado, viúva doméstica, do Freixeiro-Caires, por ter danificado a via pública (caminho camarário) no lugar do Freixeiro-Caires, fazendo escavações no mesmo, para ali queimar carvão.

## NECROLOGIA

### Falecimentos

Em 1-6-957—Rosalina Gonçalves, viúva, de 90 anos. de Santa Marta de Bouro;

Em 19-6-957—Maria da Conceição Gonçalves, casada, de 39 anos, de Fiscal.

Em 23-6-957—Carmelina de Jesus Ribeiro, casada, de 65 anos, de Bouro (Santa Maria);

Faleceu na sua casa do lugar do Outeiro, da freguesia de Dornelas, deste concelho, a senhora Júlia de Jesus de Azevedo, esposa do senhor José Joaquim Caldas, proprietário do mesmo lugar e freguesia. Era mãe do nosso delegado em Caracas Sr. José Carlos Caldas, actualmente residente em Caracas, Venezuela, do senhor Ade-

dobre como nos anos anteriores.

Sendo assim, poder-se-á dizer que o concelho de Amares possui uma rica e próspera estância termal

J. V.

## BOURO

### Melhoramentos no Santuário de Nossa Senhora da Abadia

Iniciaram-se as obras no Santuário da Nossa Senhora da Abadia. Andá já em construção o prédio destinado à Casa das Esmolas o que na verdade se nos afigura um importante melhoramento para o Santuário e que desde há muito constituía uma aspiração da Mesa Administrativa.

Está também já muito adiantada a reparação na estrada de acesso ao Santuário, que oferece agora umas boas condições de trânsito a qualquer veículo.

Avisamos, por isso, todos os senhores automobilistas e excursionistas, para que não esqueçam de visitar o histórico Santuário (o mais antigo da Península), onde se encontra a Imagem da Milagrosa Senhora da Abadia.

A Mesa Administrativa, projecta ainda a construção de uma estrada, que passando pela Capelinha da Aparição, seguirá até junto da Capela de S. Miguel o Anjo, onde há pouco tempo foi erigido o Monumento ao Sagrado Coração de Jesus.

Mas para tal, é preciso que não desvaneça a fé pela Virgem Senhora da Abadia, pois só assim pode a Exma. Confraria levar a cabo as obras projectadas, que poderão, na verdade, chamar-se importantes benefícios para Abadia.

Que a fé seja cada vez maior, para que os nossos olhos possam orgulhar-se de ver dentro em breve uma Abadia cheia de brilho e de resplendor.

A. Fernandes

## Bouro (Santa Marta)

Domingos da Silva, casado, proprietário, do lugar de Felgueiras, freguesia de Santa Marta, queixou-se na G.N.R. contra Custódio José de Sousa, casado, da mesma freguesia, por este lhe ter derrubado uma parede e danificado uma sementeira.

## Caires

### Bom sucesso

A Senhora D. Josefa Vieira, esposa do Sr. Carolino

## Patronato de S.ta Filomena

(Continuação da 1.ª página)

to António, a Senhora D. Michól Queiroz Sepúlveda, esposa dum filho desta terra. Dinâmica e inteligente, vivendo no Brasil a vida das crianças numa instituição que anima com a sua actividade, ao saber da iniciativa interessou-se por ela e logo pediu a colaboração da Senhora D. Cândida Colonna, gentilíssima esposa do Senhor Frederico Colonna.

Intencionalmente esperamos um segundo contacto para saber se estaríamos perante uma ideia em marcha. Fomos encontrá-la apaixonada pela criação do Patronato falando insistentemente das criancinhas e dos velhinhos que acabam ao canto de um caminho depois de uma vida de trabalho, de esperança e de desenganos.

Persistente, tem idealizada a primeira recita em benefício da associação nascente, mas antes vai reunir algumas senhoras que ajudem a constituir a comissão organizadora.

O movimento interessará a todos e a todos pedirá a sua colaboração e ajuda material e moral.

Alberto da Rocha—da casa da Bouça desta freguesia—acaba de dar à luz, duas interessantes criancinhas. Logo após a sua chegada de uma longa viagem a Nossa Senhora de Fátima. Por este bom sucesso, foram dados aos neófitos no Santo Batismo, os nomes de Lúcia e Francisco, vindos de Fátima. Aos ditos pais e padrinhos, José Bento Vieira e sua esposa Augusta da Silva Almeida—tios, e benquistos proprietários do lugar do passo, as nossas felicidades.

### Sagrado Coração de Jesus

Foi realizada esta festa ontem—no dia próprio, com algum esplendor litúrgico, com Hora Santa e demais actos de desagravo, conforme o pedido feito pelo Coração Divino à Sua confidente Serva, Santa Margarida Maria de Alaquoque.

### São Pedro Fins

Hoje, dia de S. Pedro, a briosa e donairoza população de Caires, vai subir ao monte de S. Pedro Fins, onde ouvirá a Santa Missa às 10 horas e assim se prará para a grande romagem de fé, piedade e de penitência que ali se afectuará no primeiro Domingo de Agosto, que se aproxima. Todos a S. Pedro Fins.

P.º Calisto Vieira

Instituição magnífica ideal duma beleza impar certamente vai encontrar um caso unânime de aplausos.

Assim os que podem e crêm nos altos desígnios de Deus compreendam em toda a latitude a beleza e a transcendência de um movimento deste género.

É que, meus senhores, se acto algum nos leva perante o Todo Poderoso, nenhum pode ser maior do que aquele que vai ensinar uns a dar os primeiros passos e ajudar outros a dar os últimos.

## De visita à nossa Redação

Tivemos o prazer de receber a visita do Senhor Constante Antunes, que acaba de regressar de África no gozo de merecidas férias, tendo a amabilidade de se inscrever como assinante do jornal, que já conhecia de Além-Mar e a que fez rasgado elogios. Como apreciador da Monografia do Concelho de Amares, interessou-se por saber se viria a ser publicada e deu logo o seu nome para adquirir na devida oportunidade. Agradamos registar as impressões de pessoas cultas como é este nosso ilustre visitante.

## HUMORISMO

O marido à esposa — Foi uma felicidade não encontrar esta senhora, antes de casar contigo.

A esposa, à amiga — Que felicidade!...

Os meus parabens minha senhora...

Numa escola da aldeia: — Dize tu, Pedro: Quantos sacramentos há?

— Não há nenhuns, Senhor professor: ainda há pouco, eu e o Senhor Cura, fomos levar os últimos Sacramentos à mulher do ferrador.

Falavam em certa aldeia na probabilidade de vir a chuva pela tarde e desmanchar a procição.

— É simples - objectou o abade, homem de expediente: - Se acaso chover à tarde, faz-se de manhã.

TRIBUNA LIVRE  
é distribuída em Braga,  
no Quiosque Central,  
Largo do Barão de São  
Martinho

## Alerta, Bourenses!

(Continuação da 1.ª página)

gamento das suas áreas ou, pelo menos por ajardinamentos e melhor arrançamento dos seus largos e ruas.

Por toda a parte se vem desenvolvendo a cultura, a higiene e o bem estar, acompanhando-se, assim, a grande obra de melhoramentos do Estado Novo, renovações que a República logo iniciou após a sua proclamação.

E Bouro, esta nossa terra tão linda, tão luxuriante de vegetação, tão produtiva? Sempre na mesma modorra, sempre na mesma indiferença sem conseguir levantar-se, caminhar, avançar ardorosamente para dias mais alegres, mais ridentes e primorosos.

Nem mesmo a sua «sala de visitas» sempre exposta às vistas curiosas e indagadoras dos que por aqui passam, e que, por isso, deveria estar sempre bem lavada e ataviada, nem essa experimenta a acção renovadora que tanto se impõe; mas, escandalosamente, ali se conservam aquelas duas malignas excrescências a afeá-la, a proclamar os maus gostos — para não dizer maldade e crime — dos que tais tumores provocaram, fizeram crescer e teimam em manter.

Não. A freguesia, o povo de Bouro, não pode consentir naquela vergonha. A sua honra, a sua dignidade, o seu brio de povo civilizado exigem que tais chagas desapareçam dali.

É preciso extirparem-se aquelas excrescências, mas quanto não custa tal operação? E quem é responsável por essa despesa que a freguesia, injustamente, se vê compelida a fazer? Injustamente, sim, porque se não tivesse havido quem construísse tais abantesmas, quem as comprasse e habitasse, não nos veríamos agora obrigados a despendermos tão avultada importância. Portanto, os que as construíram e compraram são, solidariamente, responsáveis pelos encargos que vieram a pesar sobre o povo de Bouro: «A causa da causa é a causa do causado». E já se não fala no escândalo, no mau exemplo, na instigação, no mal que de tais actos resultaram ou podiam resultar.

Para, de alguma maneira, adoçar aqueles encargos, para a estes se ocorrer, e a outras despesas também pre-

mentes, é que se torna inteiramente indispensável e urgente que a Junta de Freguesia chame a si todos os maninhos que possivelmente, andem a ser desfrutados por particulares, os demarque convenientemente e, sem perda de tempo, mande proceder a sementeira de penisco para a arborização dos mesmos.

Continuar a manter danoso indiferentismo perante o problema de tanta magnitude, é trair os mais vitais interesses da freguesia, porque é desprezar uma fonte de receita de apreciável valor e de que tanto precisamos para melhoramentos, para nos ajudarmos a resolver o problema da mendicidade e outros relativos à escola, como sejam instalações sanitárias, criação de cantina, etc.

Bourenses, rapazes da minha terra, instai perante a Junta para que ponha em prática estas medidas absolutamente indispensáveis ao cumprimento dos nossos deveres sociais e ao progresso de Bouro, mas instai perseverantemente; auxiliai-a com o vosso apoio e com o vosso trabalho, pois trabalhareis para vós e para os vossos filhos.

Estudai os poucos problemas enumerados e outros que a todos interessem.

Vós, os novos é que amanhã tendes de arcar com a administração da freguesia e, portanto, com a solução de todos os seus problemas. Criai, desde já, um agrupamento de rapazes decididos, de rapazes dinâmicos e estudiosos; que amem a terra e por ela, de boa vontade, se sacrifiquem.

Este agrupamento pode abranger indivíduos dos 15 aos 45 anos. Até aos 30 anos são rapazes cheios de aspirações, de idealismo e de vivacidade; dos 30 aos 45 são ainda rapazes, mas já com experiência da vida, menos sujeitos a ilusões e já podendo moderar os ímpetos dos novos. Completam-se, assim, um aos outros.

A. F. Æ.

Anunciai na

«Tribuna Livre»

## Levantem-se os que se sentem com moral para dizer mal das nossas Festas

(Continuação da 1.ª página)

fazem para que as Festas sejam morais e dignas, e numa maldade que só se admite em espiritos mal formados, semeiam em seu redor boatos falsos filhos de corações alvoroçados pelo ódio.

Se se pode dizer mal das nossas Festas chamamos a atenção dos bem intencionados — e não são os boateiros que combatemos — para a série de factos que vamos enumerar.

A Comissão, sempre formada por pessoas dos melhores princípios, não deixa que no Largo tomem lugar divertimentos ou barracas com pessoas suspeitas, preferindo perder o dinheiro que tais divertimentos lhe podiam dar. Se, como neste ano, à ultima hora surgem barracas com pessoas sem moral que conseguem acampar logo decide, sem se importar com a violência, destruir essas barracas.

Se nas Festas campeiam pessoas indesejáveis manda-as retirar ou deter.

Devido a isto nota-se um ambiente de moralidade que se não verifica nas outras Festas desde o Santo António de Vila Real ao S. João de Braga, passando pelas Festas de Fafe e tantas Festas que têm o nome de serem só religiosas e que por aí se realizam sem licenças respectivas por estarem acima de suspeitas.

Não admira, pois, que há dias tivéssemos ouvido dizer a um sacerdote que há três anos a esta parte tem verificado que nas Festas não tem havido um só divertimento que não pudesse ser visto.

E' preciso acentuar aqui que também poucas Festas têm tamanha amplitude de actos religiosos como as nossas.

Dois dias pertencem-lhe

inteiramente e ocasionam enorme dispêndio. Só nos figurados, este ano, foram dispendidos cerca de seis mil escudos.

Foram feitos todos os esforços para se caminhar para a repetição dos dias grandes das Festas de Calequese em que as organizações religiosas se faziam representar condignamente.

Certamente que nos não assiste culpa em que no Arciprestado as Juventudes estejam quase extintas e as outras organizações religiosas vivam longe do entusiasmo de outrora.

Temos dado o sinal da arrancada, estamos prontos para ela, mas somos só nós. Os outros contentam-se a dizer mal sem distinguirem o trigo do joio.

Agradecemos que nos não obriguem a voltar à ribalta para não termos de chegar fogo a tantos «rabos de palha» que dariam um incêndio clamoroso.

M. J. M.

## De Vila Verde

(Continuação da 6.ª pág.)

tem por obrigação de cumprir e ajudar adentro das suas posses uma organização altruista que dá a vida pelo seu semelhante.

E de resto, todas as agremiações devem ter brio em singrar melhor ou pior, consoante as suas posses.

Que todos os Vilaverdenses corresponderão, disso temos

nós a certeza e é nestes casos que pretendemos brio e coragem.

D.

## DE SOUTELO

### Necessidade de combustível

O carro da Sacor distribuidor do petróleo nesta zona faz o seu giro aproximadamente de mês a mês, o que é insuficiente, porque os consumidores, nem todos tem os recipientes suficientes para arrecadar o combustível necessário para garantir o consumo durante uns trinta ou mais dias. Seria vantajoso tanto para a Sacor como para os consumidores que a distribuição fosse feita duas vezes por mês durante o tempo das regas dos milheirais.

Mais prático ainda era pôr à venda petróleo e tratoil na estação rodoviária de Entre-Pontes, onde já tem gasoil, gasolina e lubrificantes.

### António B. B. de Macedo

Com sua esposa e filhos, desloca-se, na próxima segunda-feira, para a praia da Póvoa de Varzim, onde vai passar o mês de Julho, o nosso presado assinante António Bernardino Barbosa de Macedo, sócio das firmas; Paulo Macedo & Irmão, e Irmãos Barbosa de Macedo L.da, proprietária deste jornal, e o braço direito das organizações comerciais Barbosa de Macedo.

Desejamos que as férias sejam bem aproveitadas porque bem merece.

## Agência Funerária

DE

### Manuel da Cunha

Esta casa encarrega-se de todos os serviços fúnebres, bem como:

Ornatações de igreja, tanto em luto como em gala, andores dos mais luxuosos, coroas, ramos para casamentos, ornatações de cruces e todos os serviços deste género.

**Sempre grande depósito de luxuosas urnas.**

No seu próprio interesse consulte esta casa em Coucieiro—V. Verde ou em Fiscal—Amares

## Relojoaria Maurício Queiroz

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas.

R. D. Frei Caetano Brandão Telefone 2526 BRAGA

## Companhia de Seguros "ATLAS,"

Efectua seguros em todos os ramos  
No seu próprio interesse consulte as condições que esta acreditada companhia lhe oferece, por intermédio do seu agente nesta Vila Snr. Manuel Gonçalves da Silva.

Efectue hoje mesmo, os seus seguros

## CONDIÇÕES de assinatura

(pagamento adiantado)

Continente e Ilhas

Semestre . . . 25\$00  
Ano . . . . . 50\$00

Ultramar e Brasil

(Por avião)

Semestre . . . 91\$00  
Ano . . . . . 182\$00

(Via marítima)

Semestre . . . 40\$00  
Ano . . . . . 80\$00

Estrangeiro

(Por avião)

Semestre . . . 115\$00  
Ano . . . . . 230\$00

(Via marítima)

Semestre . . . 60\$00  
Ano . . . . . 120\$00



## Sá de Miranda

### «Canção a Nossa Senhora»

(Continuação)

#### VII

«Virgem, nossa esperança, hum alto poço  
De vivas águas, que contino correm,  
Em que se matam para sempre as sedes,  
Nam de Nembrodt, mas de David a torre,  
Donde socorro espero ao meu destroço,  
Assi tam perseguido como vedes,  
Dentre tam altas, tam grossas paredes  
De ferro carregado,  
Hum coração coitado  
Chama por Vós envolto em vastas redes,  
Huas sobre outras, porém sinais tenho  
De ser do Vosso bando,  
Que a Vós bradando por piedade venho».

#### VIII

«Virgem do Sol vestida, e dos seus raios  
Claros, envolta toda, e das estrellas  
Coroadas, e debaixo dos pés a Lua,  
Sam vindas minhas culpas e querellas  
Sobre mi tantas, valei-me aos desmaios;  
De muitas que possa ir chorando alguma:  
Nam me deixaram desculpa nenhuma,  
Os meus erros sobejos,  
Levaram-me os desejos  
Tantas ocasiões, indo hua e hua,  
Quem formenta passou por toda a praia,  
C'os ventos contrastando  
Saia nadando já com vida, e saia».

#### IX

«Virgem, Horto precioso, alto e defeso,  
Rico ramo de tronco de Jessé  
Que floreceo tam milagrosamente,  
Custodia preciosissima da Fé  
Que Vós tivestes só de todo em peso,  
Tendo hum e outro Sol sua luz ausente:  
Alma que os seus enganar tarde sente,  
Altissima Senhora,  
Por Vos sospira e chora.

## SECRETARIA JUDICIAL DE

### A M A R E S

No dia 3 de Julho próximo, pelas onze horas, à porta do Tribunal Judicial do Julgado Municipal de Amares, sito no largo D. Gualdim Pais, desta Vila, na execução por custas e selos que o digno Agente do Ministério Público move contra António Vieira e mulher Maria Rita Fernandes, residente no lugar da Grova,

da freguesia de Figueiredo, deste Julgado, hão-de ser postos em praça pela primeira vez, para serem arrematados por quem maior lance oferecer, acima do valor a diante indicado, os seguintes prédios penhorados àqueles executados:

#### PRIMEIRO

Leira ou Campo das Pereiras, de lavradio, sita no lugar da Quintão, da freguesia de Figueiredo, concelho de Amares, confronto do nascente

com o rego de água de consortes, no sul e norte com Padre José Martins e do poente com António da Silva Tinoco, inscrito na matriz predial sob o artigo seiscentos e dois e descrito na Conservatória do Registo Predial de Amares sob o número vinte e cinco mil quinhentos e setenta e um. Entra em praça pela quantia de seis mil trezentos e noventa escudos.

#### SEGUNDO

Campo das Chedas e Bouça junta, de lavradio e mato sito no lugar da laranjeira, da freguesia de Figueiredo, do concelho de Amares, confronto do nascente e norte com Francisco Carlos Rodrigues de Azevedo, do sul com eaminho de consortes e do poente com o Padre José Martins, descrito na Conservatória sob o número vinte e cinco mil quinhentos e setenta e três e inscrito na matriz sob os números quinhentos e setenta e sete e seiscentos e três. Entra em praça pelo valor de oito mil cento e trinta escudos.

Amares, 15 de Junho de 1957.

#### O Juiz:

Manuel A. Rodrigues

#### O Chefe da Secção:

João Barbosa de Macedo.

(2.ª publicação)

Ontem menino, sou velho ao presente,  
Vou-me de dia em dia, d'anno em anno,  
A minha fim chegando,  
Dissimulando a vergonha e o danno».

#### X

«Virgem, andando aqui, já celestial,  
E em corpo assi levada ao Céu Empireo,  
Sem ser vista mais cá de olhos humanos,  
Certa Porta do Céu, dos Valles Lirio,  
Que nunca teve nem terá igual,  
Dada por só remedio a nossos dannos,  
Contra os demonios sejam meridianos,  
Sejão de noite escura:  
Esperança segura,  
Tais forças contra tais mestres de enganar,  
Com Vosso esforço, por terra e por mar  
Nam digo eu haver medo,  
Mas ir ao campo ledo e pelejar.

#### XI

"Virgem das Virgens, como o tempo voa,  
Nossa certa esperança,  
Por toda a vizinhança.  
Quanto gemido a toda a parte soa,  
Quantas lágrimas são mal derramadas!  
Mas postos de gíolhos  
Em Vós os olhos, tudo o mais sam nadas.

Sá de Miranda—Poesias

Visado pela censura

Folhetim da "Tribuna Livre,, 27

# SEMPRE NOIVOS

(Recordações do Minho—Usos e costumes)

Por Porfírio de Sousa

- Isso é um bom presságio.
- Não compreendo.
- Que sonhamos um com o outro.
- Ah!
- Mas estão verdes.
- Espero que amadureçam.
- Já não falta muito tempo.
- Dois meses...
- Sabes que mais?
- Arroz com pardais.
- Até amanhã.
- A hora da missa da manhã.
- No mesmo lugar, nas escadas, onde nos encontramos pela primeira vez.
- Lá estarei.
- Boa noite.
- Boa noite e até amanhã.
- Sonha comigo.
- A dormir e acordado.
- Amanhã conta-me se o sonho foi lindo...
- Posso asseverar-te, de antemão, que sim, que foi lindo, a julgar pelos anteriores.
- Vai embora; o que queres é paleio!
- Preferia aqui esperar pelo dia.
- Então espera, enquanto eu vou dormir.
- Já agora também vou para casa.
- E depois de um "adeus": cheio de suavidade e doçura, o José se-

parou-se da Maria Teresa e foi para o outro extremo da freguesia, para o lugar do Outeiro.

A perseverante e feliz lembrança de que ia casar daí a dois meses não lhe saía do pensamento e dificultava-lhe a conciliação do sono.

Nessa longa insónia architectou mil projectos, cada qual o mais aliciante, para pôr em prática pela vida fora na doce e terna companhia da sua linda e idolatrada mulher.

Só de madrugada é que adormecera, mas tão profundamente, que só acordara quando o sino repicara para a missa.

—Oh! com a breca!

A missa daqui a pouco está a principiar eu ainda na cama!

Que havia de dizer a Maria Teresa?!

Que tinha um noivo dorminhoco, e com sobejas razões.

Levantou-se de um salto, atirando com os lençóis ao chão e depois de lavar as mãos fez a barba.

Ah! agora não tenho tempo de tomar banho; hoje limito-me lavar a cara como os gatos... e há-de haver muita gente que nem isso faz para ir à missa.

Vestiu-se e calçou-se à pressa e desatou a correr a caminho da igreja.

Com a pressa não me lembrou de beber uns golos de aguardente e de trazer um bocado de pão para comer pelo caminho, como os rapazes, como eu fiz tantas e tantas vezes quando era miúdo.

Ai amor, a quanto obrigas, até andar em jejum, como em jejum ando eu em relação aos beijos da minha noiva.

Isto é um verdadeiro suplício de Tântalo!

Uma cara tão bonita e tão próxima da minha, muitas vezes, a desafiá-me para uma catadupa de ciciantes beijos... e impossibilitado de lhe dar, pelo menos um, para saber o gosto que têm.

Mas quando tu fores minha adorada e querida mulher, Maria Teresa, há-de levar mais beijos numa hora do que tem de dias o ano bisesto!

Quando chegou ao adro, todo ofegante e a transpirar, já tudo estava à missa que tinha principiado à mais de um quarto de hora.

Entrou no templo quando o padre mudava o evangelho.

(Continua)

# Tribuna de VILA VERDE MONOGRAFIA DO CONCELHO

Continuação da 1.ª página

## Casamento elegante

No Santuário do Bom Jesus do Monte, realizou-se, no passado dia 5 do corrente, o enlace matrimonial da menina Sara Faria de Almeida Gandarela, filha da sr.ª D. Alzira Faria de Almeida e do nosso particular amigo Arnaldo Gandarela da Silva Vasques, moradores em Vila Verde, com o

nosso presado amigo sr. António da Silva Pereira, filho de D. Angelina da Rocha Ferreira e de Gaspar da Silva Pereira, já falecidos.

Foi celebrante e ministro assistente o rev. Cônego António de Castro Mouta Reis, acolitado pelo rev. pároco de Vila Verde.

Foram padrinhos, por parte da noiva, seus pais, e, por par-

te do noivo, a sr.ª D. Maria Fernandes Pinheiro de Almeida Pereira e o sr. Dr. Domingos da Silva Pereira, irmão do noivo.

No fim do enlace, foi servido um fino copo de água, pela acreditada pastelaria Benamor, de Braga.

## Recurso Judicial

Pelo sr. Doutor delegado do Ministério Público, desta comarca, foi interposto recurso à sentença proferida no dia 5 do corrente, que condenou o autor e coniventes de um furto ao comerciante da praça de Portela do Vade, sr. Francisco Fernandes Dias.

## Banda Marcial de Vila Verde

No passado dia 16, deslocou-se à Feira Nova, do visinho concelho de Amares, a Banda Marcial desta vila, que ali executou um bem escolhido repertório que, cremos agradou, atenta a ovação que lhe dispensaram.

—Com o mesmo fim, deslocou-se a Braga, nas festas do S. João, onde deu um concerto no coreto da Avenida dos Combatentes da G. Guerra, que agradou muitíssimo, tendo o seu Director sr. Pais e o seu Presidente da Direcção sr. Dr. António Ribeiro Guimarães, recebido os maiores encômios por musicólogos avaliados que declararam não se poder exigir mais de um punhado de rapazes amadores, que podem tocar em qualquer parte.

Estão de parabens o sr. Dr. Guimarães e o seu Director sr. Pais, pois vêm coroados de êxito todos os seus sacrificios.

E Vila Verde também está de parabéns, porque vê, com satisfação, que os seus sacrificios não são baldados em prol de um agrupamento que honra o seu concelho, e também se deve ufanar por ter contribuído com o seu dinheiro e materiais para que esta agremiação tenha a sua sede própria, orgulho dos Vilaverdenses, que dentro em pouco deixarão de mendigar uma casa para os ensaios da sua Banda.

## Bombeiros Voluntários de Vila Verde

A Direcção dos Bombeiros Voluntários de Vila Verde já iniciou uma subscrição a favor da aquisição de um pronto socorro e de uma ambulância para serviço do concelho.

São precisos 200 contos e consta-nos que a Direcção já tem 110 contos.

Há muita gente que toma esta iniciativa como uma questão de «brio», mas nós, não vemos as coisas por este prisma.

Brio, só pode existir no seu corpo activo para desempenhar cabalmente o seu dever de soldados da Paz. O resto, é um dever sagrado que todos

Leu mais tarde, num jornal que lhe veio às mãos, que esse célebre quadro «a Madona» fora encontrado no espólio de uma viúva, na Alemanha.

Disputado por dois museus, um daquele país e outro da Itália, atingiu naquele tempo a boa soma de 1.200 contos.

\* \* \*

Na Capela do S.S. Sacramento, com tribuna e estatuária, tudo de fino granito e artisticamente trabalhado, a porta do sacrário era de prata massiça.

Dois malandrins arrancaram-na e, achando-se suspeitos, esconderam-na por algum tempo em uma cuba.

Passado o perigo, racharam-na a meio, partindo-a entre eles; e nunca mais apareceu.

Também morreram os dois de terrível moléstia.

A cornija de pedra, de uma das independências do convento, foi levada a guarnecer as empenas de uma moradia, construída por abastado proprietário, noutra freguesia deste concelho.

Viu morrerem-lhe os filhos a oito, vítimas da mesma doença, e já homens.

\* \* \*

Determinado indivíduo herdou de um tio que por aqui passou, nesse período calamitoso que a fome do oiro contaminou até os mais isentos, doze contos em libras.

Deu logo início à construção de uma enorme casa, mas tanto dinheiro não chegou para acabar de edificá-la, nem tão pouco a habitou.

É ainda o mesmo cavalheiro que o refere e acrescenta:

—Dizem que não há excomunhão!

Acabou a pedir!...

Não está no ânimo do modesto autor destas despretenciosas linhas lançar a semente da superstição ou do remorso, muito menos suscitar o escândalo que a todo o transe procura evitar, no entanto, os exemplos são palpáveis.

Para cúmulo de desgraça, o convento havia sido pasto das chamas, noite de Santa Marta, tempestuosa de vento, 29 de Julho de 1877.

Quiseram então os de boa fé que o incêndio tivesse sido casual; porém é duvidoso.

O segredo de tão lamentáveis episódios está no Juízo de Deus, que os julgou e julgará.

\* \* \*

Quem entra no côro tem logo a desoladora impressão de que ali caiu uma bomba.

A grande imagem do Crucificado contempla aqueles destroços.

Só a monumental estante rotativa ao centro, se conserva a prumo. A sua volta, o soalho levantado, consta que do próprio vingamento saíram varas para latadas.

Lá está no chão a tal moldura de talha dourada, sem a preciosíssima tela.

Das artísticas bancadas de pau santo saiu uma mobília de sala; de balaustres de gradeamentos fabricaram-se bengalas.

Para dar ainda uma nota mais fúnebre a tudo isto, de mistura e a esmo, não falta ali um pequeno esquife, contendo ossos humanos, para aí trasladados de uma arca ou artístico cofre de madeira que esteve no cruzeiro da igreja, e até esse mesmo desapareceu.

(Continua no próximo número)

**A MODELAR** TIPOGRAFIA  
ENCADERNAÇÃO  
PAPELARIA

Feira Nova-Amares

**A nossa oficina executa toda a espécie de trabalhos tipográficos. Descontos especiais aos assinantes deste Jornal. Fornecemos orçamento prévio quando pedido.**

**ESTAMOS JÁ A FORNECER  
ALGUNS ASSINANTES DO ULTRAMAR**

## RECORTES

Secção de ODECAM

## A Pátria Portuguesa

(Versos inspirados numa canção alemã de Arndt.)

Qual a tua pátria, ó português? É o Douro  
Com os seus alcantis, pomar's, vinhedos, fontes?  
O Minho, êsse vergel, todo esmeralda e ouro?  
A sorridente Beira? A altiva Três-os-Montes?

Qual é a tua pátria abençoada? E' o Tejo?  
A encantadora Sintra, escrínio aurifulgente?  
A nobre Estremadura? O soberto Alentejo?  
Lisbôa, a capital grandiosa e surpreendente?

—Oh! não! a minha pátria é bem maior, mais bela!  
Que tudo que apontais. Nem há outra como ela!—

Qual é a tua pátria ó português? E' o Sado?  
A província do Algarve, êsse torrão fecundo?  
A cidade do Porto, invicto burgo honrado  
Que ao nome "português", deu origem no mundo?

Qual é a tua pátria excelsa? E' o Guadiana?  
Évora, Montemor? Setúbal, a Figueira?  
A Arrábida frondosa? As praias da Ericeira?

—Oh! não! a minha pátria é bem maior, mais bela!  
Que tudo que apontais. Nem há outra como ela!—

Qual é tua pátria, ó português? É a Ilha  
Da Madeira, esse amor, paraíso de amores?  
É o alegre Funchal, que a vista maravilha?  
Porto Santo? A Guiné? Cabo Verde? Os Açores?

Qual é a tua pátria afamada? Qual é  
O teu berço natal? Que a tua voz o indique!...  
Congo, Macau, Timor? Príncipe, S. Tomé?  
Gôa, Damão, Pangim? Angola, Moçambique?

—Oh! não! a minha pátria é bem maior, mais bela!  
Que tudo que apontais! Nem há outra como ela!

A pátria portuguesa abrange a terra inteira,  
Envolve até o Céu, ilimitado azul;  
Vai desde a velha Europa à terra Brasileira,  
Alastra pelo mar, do polo norte ao sul...

O meu berço natal compreende aquela extensa  
Lista que referis... e mais ainda, sim!  
Tanger e Mazagão, Ormuz... e Olivença...  
Ceuta, Fernando Pó, Arzila e Bombaim!

A pátria portuguesa é a maior, a mais bela  
De quantas Deus criou! Não há outra como ela!

Numa empresa titã, numa tarefa ingente,  
Ergueu a Cruz de Cristo em remotos sertões...  
Avassalou o Oceano e descobriu o Oriente;  
Difundiu pelo globo o idioma de Camões!

O passado e o presente... O velho mundo e o novo...  
O sangue, a cinza, o pó dos nossos ancestrais...  
O conjunto de acções dum pequenino povo  
Que Deus destinou p'ra feitos imortais!

A pátria Portuguesa é a maior, a mais bela  
De quantas sobre o Céu! Bendita seja ela!

Delfim Guimarães

(Continua na 4.ª página)